

Discurso e(m) Mídia: Uma proposta de debate sobre a mulher

CERES CARNEIRO

UERJ, Rio de Janeiro, Brasil

PHELIPE CERDEIRA

UERJ, Rio de Janeiro, Brasil

BEATRIZ PARAGÓ

UFF, Niterói, Brasil

RESUMO

Nossa proposta, aqui, é apresentar nossa trajetória enquanto integrantes do projeto de extensão intitulado *A discursivização da mulher em gêneros multimodais: alternativas de atividades para debater as questões do feminino*, que configura no quadro das atividades extensionistas ativas do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desde 2021. O principal objetivo do referido projeto é propiciar a professores (incluindo aqueles em formação) da Escola Básica uma reflexão sobre como a mulher é discursivizada na e pela mídia digital, em gêneros multimodais, de forma que o debate sobre o feminino faça parte de seu planejamento. Para buscarmos compreender os sentidos em torno do feminino e, conseqüentemente, relacioná-los às práticas extensionistas, mobilizamos noções e conceitos da Análise do Discurso de base materialista, a qual nos filiamos teórica e metodologicamente. Com o propósito de ampliar a discussão sobre como a mulher é discursivizada na/pela mídia digital, considerando, justamente, os discursos produzidos e lá postos em circulação, a partir da análise de discursos sobre a mulher, materializados na internet, produzimos, semanalmente, *posts* e os publicamos em contas específicas do *Instagram* e do *Facebook* (@extensaodiscursosmulher) direcionadas a professores (em formação ou não).

Palavras-chave: análise do discurso; mídia digital; gêneros multimodais; extensão.

ABSTRACT

Our proposal in this article is to present our trajectory as members of the University Extension Program, titled *Discourse on women in multimodal genres: alternatives to discuss gender topics*, which is being held at the Linguistics Department of the Universidade do Estado do Rio de Janeiro since 2021. Our primary goal is to provide teachers of the basic education (including those soon to be) a reflection on how women are discursively constructed in and through digital media, in multimodal genres, so that the debate on gender is part of their planning. To understand the meanings surrounding the place and role of women and, consequently, relate them to our extension program, we use notions and concepts from the French Discourse Analysis, to which we are theoretically and methodologically affiliated. With the purpose of expanding the discussion on the discourse on women in and through the media, considering, precisely, the discourse produced and put into circulation there, based on the analysis of the discourses about women, materialized on the internet, we make, weekly, posts and publish them on specific Instagram and Facebook accounts (@extensaodiscursosmulher) aimed at teachers (with a degree or not).

Keywords: french discourse analysis; digital media; multimodal genres; extension program.

1. INTRODUÇÃO

Por entendermos como relevantes, nas práticas de sala de aula, discussões sobre o lugar da mulher, em nossa formação social, temos como proposta apresentar nossa trajetória enquanto integrantes do projeto de extensão intitulado *A discursivização da mulher em gêneros multimodais: alternativas de atividades para*

debater as questões do feminino, que configura no quadro das atividades extensionistas ativas do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desde 2021. Tomar o constructo mídia enquanto palco de diferentes artefatos culturais (CERTEAU, 2003) ou, ainda, como um cronotopo em que diferentes discursos são (re)criados e passam a ser corresponsáveis pela formulação de diferentes dizeres e imaginários culturais, é um pressuposto fundamental para aqueles que percebem a(s) língua(s) não apenas como a representação de um código, mas, necessariamente, como um território de batalhas, tensões e negociações entre os sujeitos sociais.

O projeto, ao qual nos referimos, ainda que tenha passado por algumas reformulações, mantém o principal objetivo de propiciar a professores (incluindo os em formação) da Escola Básica uma reflexão sobre como a(s) mulher(es) é/são discursivizada(s) na e pela mídia digital, em gêneros multimodais, de forma que o debate sobre as imagens resultantes das projeções que circulam, em nossa formação social, a respeito do sujeito-mulher façam parte de seu planejamento. Entendemos, inicialmente, que discursos produzidos em diferentes materialidades linguísticas, e postos em circulação na internet, podem ser um ponto de partida para o debate sobre as questões do feminino em salas de aula, tanto nos anos finais do ensino fundamental quanto no ensino médio, considerando que o espaço do digital desperta cada vez mais o interesse dos jovens brasileiros. A pesquisa desenvolvida pelo TIC Kids Online Brasil mostrou, por exemplo, “[...] que 95% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de todo o país têm acesso a internet – o que corresponde a mais de 25,1 milhões de pessoas nessa faixa etária”¹.

A Análise materialista do Discurso, fundada por meio dos estudos desenvolvidos por Michel Pêcheux, entre as décadas de 1960 e 1980, na França, e que tiveram (con)sequências nos estudos de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, é o aporte teórico e metodológico que nos permite uma reflexão em torno do tema e, conseqüentemente, relacioná-los às práticas extensionistas. Temos que a Análise do Discurso nos aponta para uma perspectiva absolutamente transdisciplinar, indisciplinar como o é também a Linguística Aplicada, espaço que circunscreve epistemologias outras, tal qual a dos estudos literários. Assim, ao mobilizarmos noções e conceitos da Análise do Discurso, buscamos compreender como as materialidades produzidas, (re)lidas, invertem, subvertem, investem em potencialidades e leituras de língua(s) em seus transcursos, justamente porque é uma disciplina que se interessa em tomar “[...] o discurso como linguagem em uso, estabelecendo uma relação entre materialidade linguística e os problemas sociais contemporâneos com seus efeitos” (MORAIS; COSTA, 2022, p. 18).

Para refletirmos sobre a posição da mulher em nossa formação social, partimos do que Pêcheux (2014 [1975], p. 156), ao entrelaçar repetição, memória e sentidos, definiu como pré-construído: aquilo que sustentaria um “sempre já aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade e seu sentido sob a forma da universalidade”, em nosso caso, uma realidade sobre o feminino. O pré-construído produziria um efeito de verdade do que é ser mulher, pois a repetição de dizeres sedimentados sobre o lugar da mulher, esse “sempre-já-aí”, segue ressoando na atualidade. Afinal, as formulações-origem derivam “em um trajeto na espessura estratificada dos discursos, trajeto em cujo curso elas se transformam, truncam-se, escondem-se para reaparecer mais a frente” (COURTINE, 1999, p. 19), colocando os dizeres sobre as

1 Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/95-das-criancas-e-adolescentes-acessam-internet-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 03 mar. 2024.

mulheres, formulados e postos em circulação na/pela mídia digital na atualidade, em uma mesma matriz de sentidos que outros tantos dizeres sobre as mulheres produzidos em outros tempos e em outros lugares.

Temos o discurso midiático como um ambiente de formulação, construção e circulação de sentidos (DELA-SILVA, 2008): logo, o funcionamento desses dizeres, associados a uma memória que segue sendo atualizada sobre o sujeito-mulher, faz ressoar discursos machistas e misóginos, amplamente difundidos na/pela mídia digital na atualidade. A memória discursiva, segundo Indursky (2011, p. 71) remete aos “discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados”, assim sendo, os sentidos em circulação sobre o feminino ecoariam já-ditos cristalizados, corroborando, portanto, para a manutenção da posição subalternizada da(s) mulher(es) em relação aos homens. Para combater a desigualdade entre os gêneros, precisamos ser capazes de analisar os discursos sobre o feminino em circulação na mídia digital, dando a possibilidade de averiguar como tais discursos contribuem para a manutenção de uma hierarquia entre os gêneros, a fim de promover alternativas para debater sobre o lugar e o papel da(s) mulher(es) em nossa formação social.

2. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS

Tendo como propósito ampliar a discussão sobre como a(s) mulher(es) é/são discursivizada(s) na/pela mídia digital, consideramos os discursos produzidos e lá postos em circulação. A partir da análise de discursos sobre a(s) mulher(es), materializados na internet, produzimos, semanalmente, *posts* e os publicamos em uma conta específica do *Instagram* (@extensaodiscursosmulher), direcionada a professores (em formação ou não). A atenção dada ao cotejo com o calendário de efemérides brasileiras e latino-americanas busca, ainda, tensionar como o calor de certas datas comemorativas acaba atravessando dizeres pré-estabelecidos e que, paulatinamente, ampliam discursos dispostos a limitar e/ou escamotear a(s) presença(s) da(s) mulher(es).

Outra noção teórica cara às nossas práticas extensionistas é a de arquivo. Longe de se restringir a ser “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, o arquivo, segundo Pêcheux (1994, p. 59), é um “trabalho de memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma”, o que nos impulsiona constantemente a buscar na internet, esse grande arquivo digital, materialidades linguísticas de diferentes gêneros multimodais, capazes de comparecer em nossas postagens. Entretanto, não somos ingênuos em pensar que os gestos de seleção, por nós empreendido, são isentos, pois, como nos aponta Mittmann (2015, p. 352), durante o processo de constituição de um arquivo sempre há um “[...] jogo de forças que atua, por um lado, nas bordas do arquivo selecionando o que pode ou deve entrar e excluindo o que não pode ou não deve”.

Diante do exposto, nosso primeiro movimento se refere à constituição de um arquivo em que conste discursos sobre as mulheres, em diferentes materialidades linguísticas, que, ao serem analisados, possam ser inseridos nas práticas pedagógicas de professores da Escola Básica de todo país. Ressaltamos que, ao disponibilizarmos, em nossas redes sociais, as análises de tais discursos midiáticos, buscamos contribuir para o debate sobre a posição das mulheres em nossa formação social, considerando as suas inserções em diferentes práticas de sala de aula. Conforme já mencionado, relacionamos as postagens a determinadas datas para que tenhamos um trajeto temático que não só organize nosso arquivo como minimize o tempo de pesquisa dos professores, tais quais, a fim de ilustração: Dia da Família; Semana do trânsito; Dia da República;

Dia das Crianças; Início do verão; Dia Nacional de Combate ao Câncer etc. Apresentamos, com o intuito de ilustrar nossas práticas extensionistas, algumas postagens feitas, ao longo do ano de 2023, não obedecendo, vale esclarecer, a mesma linearidade temporal em que foram postas em circulação em nossas páginas.

2.1. Dia Nacional da Família

Comemorado no dia 08 de dezembro, partimos de uma das tirinhas da personagem Mafalda, disponibilizada em nossa busca via site da Folha/UOL², para dizer da família. Na referida produção do cartunista argentino Quino, há a divisão em dois quadros, ambos ilustrando um diálogo entre a menina e um provável vendedor. Na primeira cena, o homem questiona a criança a partir da seguinte interrogação: “Bom dia, menina, o chefe da família está?”; em seguida, no quadro alocado à direita, a infante retruca sem titubear: “Nesta família não há chefes, nós somos uma cooperativa”. A partir de uma análise dos discursos postos em xeque, a resposta de Mafalda à pergunta nos permite propor uma reflexão sobre a mulher na posição de “chefe” de família em nossa formação social. Entendemos que essa relação hierárquica entre esposo/esposa ou pai/mãe só se perpetua porque é sustentada por discursos fundados na ideologia patriarcal, em que o comando (ou chefia) é colocado como um não lugar da mulher: efeito de um machismo, “constituído historicamente, é naturalizado por um efeito do funcionamento da ideologia” (D’OLIVO, 2011, p. 3). Entretanto, Mafalda, em seu dizer, rompe com esse sentido estabilizado sobre a quem cabe a chefia, substituindo o significante “família” por “cooperativa”, marcando outra posição ideológica que defende a não hierarquia entre homens e mulheres ou entre os membros de uma família: “na polissemia [...] temos deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2015, p. 34).

2.2. Dia da Abolição da Escravatura

Em 13 de maio de 1888 foi assinada a Lei Áurea, entretanto, o dia não é comemorado e nem considerado como o dia da libertação, justamente porque a Lei não garantiu “[...] sobrevivência digna para os negros e negras sequestrados no continente africano, escravizados durante anos”³. Nossa postagem, de maio de 2023, teve como propósito, portanto, pensar representações do corpo da mulher negra. O interdiscurso “[...] é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2015, p. 31). A partir dele, fala essa voz anônima (COURTINE, 1984), pois se constitui de já-ditos em outro tempo e em outro lugar. É pela noção de interdiscurso que nos propomos a trazer uma breve reflexão sobre a campanha publicitária da S.A. Barros Loureiro, em 1952, e da Bombril⁴, mais de sete décadas depois, em 2020. Há um já-dito sobre o cabelo da mulher negra como sendo ruim, duro, assanhado, em pé, pixaim que nos chega por essa voz sem nome, produzido, pela primeira vez, sabe-se lá por quem ou em que lugar, mas que segue ressoando, produzindo sentidos na atualidade. Segundo Courtine (1981 *apud* INDURSKY, 2011, p. 72), “toda

2 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2021/06/as-reflexoes-de-mafalda/>>. Acesso em: 24 jun. 2024.

3 Disponível em: <<https://www.sinteval.org.br/2022/05/13-de-maio-populacao-negra-nao-comemora-o-dia-da-abolicao-da-escravatura-saiba-por-que/>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

4 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/bombril-e-acusada-de-racismo-apos-relancar-esponja-de-aco-krespinha/>>. Acesso em: 24 jun. 2024.

produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega...". A S.A. Barros Loureiro e a Bombril, ao nomearem suas esponjas de aço "Krespinha", em alusão ao cabelo crespo da mulher negra, repetem formulações anteriores sobre o cabelo da mulher negra. Entretanto, no relançamento pela Bombril, neste século XXI, da "esponja inox" Krespinha, "ideal para limpeza pesada", ao dizer do cabelo da mulher negra ser um cabelo crespo (implicitamente um cabelo duro), a formulação foi refutada e denegada por um sem-número de internautas que trouxeram à luz a importância de se entender tais discursos como discursos racistas. Foram questionados e confrontados porque, conforme traz a manchete da revista Claudia, o ataque da Bombril "não é apenas ao cabelo, mas ao que ele representa"⁵.

2.3. Dia Nacional de Combate ao Câncer

Na esteira de apresentar datas comemorativas que escapam às tradicionalmente trabalhadas nas salas de aula das escolas brasileiras, trazemos essa postagem sobre o dia 27 de novembro, instituído como o Dia Nacional de Combate ao Câncer. A partir de uma imagem capturada do acervo do Instituto Nacional de Câncer, em exposição virtual comemorativa⁶, o desenho (discurso imagético) que estampou a campanha, nos anos 40, foi o ponto de partida para discutirmos a discursivização do corpo feminino. O caranguejo como representação do câncer pelas semelhanças entre um tumor e a anatomia do animal, associação utilizada desde a Grécia Antiga, tem suas patas envolvendo os quadris, a virilha e os seios de uma mulher, sua vítima: "se, por um lado, [...] ataca", fere seu seio, esse "símbolo da sexualidade" feminina, "por outro lado [...]", o toca, reforçando, tal qual suas "patas" se encaminhando "para a virilha", a "ideia de êxtase sexual" (MACHADO, 2023, p. 86). O corpo da mulher, na campanha, não se restringe a dizer da importância de se combater o câncer/caranguejo: diz da "mulher doente", vítima do câncer, "e sensual" (MACHADO, 2023, p. 85). Afinal, o corpo feminino foi, historicamente, significado como um corpo frágil e erótico.

2.4. Dia do Poeta

Fotografía con pátina (II)⁷

(Una cierta niñez)

Pero si miro esta fotografía de ayer,
si me paro en los ojos,
comprendo que los niños tampoco son tan niños,
que tienen mucha historia pasada,

5 Matéria completa disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/ataque-da-bombril-nao-e-apenas-ao-cabelo-mas-ao-que-ele-representa>>. Acesso em: 24 jun. 2024.

6 Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br/centrais-de-conteudo/exposicoes/saber-saude-20-anos>>. Acesso em: 24 jun. 2024.

7 CERVANTES VIRTUAL. *Antología poética – Ángeles Mora*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/antologia-poetica--57/html/00798496-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html>. Acesso em: 13 mai. 2024.

mucho lento futuro,
que también se despeñan,
porque el presente es una piedra,
una piedra que duele,
que quema, que nos manda a otra parte,
que también se oscurecen
por el peso de tanta incertidumbre.
Si al menos ellos,
si miraran, tocaran el juguete tan sólo.
Pero fijaros
cómo ven más allá,
cómo están más hambrientos,
cómo no cesan de acariciar
algo distante.
Como si se asomaron
a estos ojos – sus ojos o los míos –
entre mudas preguntas insufribles:
¿qué has hecho con tu vida?,
por ejemplo.

O interesse pela análise de materialidades discursivas em castelhano é justificado pela vivência e pela pesquisa de um dos professores que compõem nosso Projeto. Postamos em nossa conta, no dia 31 de outubro de 2023, uma reflexão relacionada ao Dia do Poeta. A publicação retomava a efeméride comemorada no dia 20 de outubro, isto é, 11 dias antes. A inspiração foi, para tanto, a escritora e poeta espanhola Ángeles Mora. Em diferentes matizes, o projeto poético de Mora fissa a ideia do Projeto Poético de que, à mulher que escreve, lhe cabe o lugar da “apaixonada”, daquela que está à espera de um enlace idealizado (fantasma finissecular), de mais uma “equação linguística” (MARIANI, 1996, p. 15): termo que “[...] se relaciona aos saberes que circulam tão abundantemente em determinadas formações discursivas, fazendo alguns sentidos colarem de tal forma que funcionam como uma ‘equação’”.⁸

Ao buscar sempre experiências via literário, Mora também faz questão de (re)semantizar o lugar da lírica, afastando-se de qualquer ranço estabelecido entre gênero literário e autoria de mulheres. Daí a escolha de rechaçar o verbete “poetisa”, a ideia da poeta menor, assinalando que esse está carregado de “[...] sentidos que não sabemos como se construíram” (ORLANDI, 2015, p. 18). Negar “poetisa” em prol de “poeta” é, pragmaticamente, uma forma de subverter os significados em torno do último significante, de questionar o lugar de sujeito de discursos a todo tempo, tal como o eu lírico de “Fotografía con pátina (II) – (Una cierta niñez)”, ao pensar sobre a(s) sua(s) existência(s).

8 Verbetes disponibilizado em <<https://midi-uff.com.br/equacao-linguistica/>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro busca incentivar a elaboração e a execução de projetos de extensão por entender que “uma intensa atividade de extensão” colabora para a “construção de políticas públicas” capazes de “melhorar as condições de vida da população fluminense”, proporcionando “a troca de saber e de experiências entre a comunidade acadêmica, o público externo: sociedade civil e poder público”⁹: compromisso esse que assumimos enquanto professores e aluna da universidade pública.

Somente em 2023, foram registrados 1.463 feminicídios no Brasil¹⁰: esses números refletem a assimetria, a hierarquia entre homens e mulheres, que estrutura a nossa formação social há séculos; eles não são alheios à história e nem a uma formação ideológica patriarcal. Em nossas práticas extensionistas, apresentadas parcialmente aqui, buscamos, justamente, deslocar o debate sobre questões inerentes ao sujeito-mulher, não só para fora da Universidade, mas para dentro das escolas brasileiras, porque essa reflexão urgente e imprescindível precisa estar também na base da educação desse país. Entendemos que discursos produzidos em diferentes materialidades linguísticas, e postos em circulação na internet, podem ser um ponto de partida para o debate sobre as questões do feminino em salas de aula tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, considerando que o espaço do digital desperta cada vez mais o interesse dos jovens brasileiros.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **La invención de lo cotidiano**. I – Artes de hacer. México D. F.: Cultura Libre, 2003.

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. *In*: INDURKY, F. (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999. p. 15-22.

COURTINE, J. J. Définition d’orientations théoriques et méthodologiques en analyse de discours. **Philosophiques**, Paris, v. IX, n. 2, 1984.

DELA-SILVA, S. C. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. 225 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

D’OLIVO, F. M. Análise do senso comum a partir da contraposição entre os dizeres da mídia e do cordel. **Anais do VI SEAD**. Porto Alegre, RS: 2011, p. 3.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M. S. (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 67-90.

MACHADO, R. R. de S. O discurso do câncer: um olhar sobre uma campanha educativa da década de 1940. *In*: DELA-SILVA, S.; LUNKES, F.; CARNEIRO, C.. **Mídia e(m) discurso**: percursos de pesquisa. v. 2. Campinas, SP: Pontes, 2023. p. 71-90.

MARIANI, B. S. C. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. 256 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MITTMANN, S. O arquivo como gatilhos de movimentos de interpretação em torno da palavra “luta”. *In*: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M.S.; MITTMANN, S. (Orgs.). **Análise do discurso**: dos fundamentos ao desdobramento (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. p. 351-364.

9 Disponível em: <<https://www.uerj.br/extensao/extensao-na-uerj/>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

10 Disponível em: <<https://fontesegura.forumseguranca.org.br/feminicidios-em-2023/#>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

MORAIS, A. A. F. de; COSTA, A. F. da. A emergência transdisciplinar da Análise de Discurso Crítica. **Revista Virtual de Letras**, v. 14, n. 01, jan.-jul. 2022, p. 18-34.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.*. 5. ed. Campinas, SP: EdUnicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, E. P. *et al.* (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução: Bethânia S. C. Mariani *et al.*. Campinas, SP: EdUnicamp, 1994, p. 55-66. Coleção Repertórios.